

A imortal Rachel do sertão



Rachel de Queiróz se define como "uma velhinha sertaneja que está ficando caduca para novos projetos na literatura".

Ela foi o que se pode chamar de uma menina danada. Aos 15 anos se formou professora, aos 16 era jornalista e aos 19 escreveu um romance - "O Quinze" - que se tornaria um dos maiores clássicos da literatura brasileira. De Rainha dos Estudantes em 1930, Rachel de Queiroz se tornou, em pouco tempo, a Rainha da Literatura Brasileira.

Dona de um extremo talento para escrever, a então menina Rachel de Queiroz resolveu experimentar também no jornalismo as suas habilidades como escritora. Começou escrevendo crônicas no jornal "O Ceará", usando o pseudônimo "Rita de Queluz". "De lá pra cá nunca mais me livre de jornal". A sua longa experiência no ramo a faz afirmar com convicção que "o jornalismo brasileiro é excelente".

Nas redações de jornais, influenciada pelos companheiros, virou comunista. Por defender o comunismo, Rachel de Queiroz se tornou inimiga do líder político "que usava os movimentos populares pro seu caudilhismo": Getúlio Vargas. A aversão a Vargas estendeu-se a João Goulart e Brizola. Em 1964, conspirou com os militares para a derrubada de Jango. Durante a ditadura teve seu talento reconhecido por três presidentes de farda. Castelo, Geisel e Figueiredo a chamaram para ser ministra. Jânio e Sarney também a convidaram. Os convites sempre foram negados.

Do mesmo modo, foram negados durante muito tempo os pedidos para disputar uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Os acadêmi-

cos tentavam seduzir Rachel de Queiroz com um argumento simplório: "Só falta você, lá". A relutância em aceitar era tanta que os membros da Academia tiveram que convencer o marido a obrigá-la a concorrer. Depois de tanta insistência, cedeu. Disputou uma vaga e ganhou, tornando-se a primeira mulher a ingressar na ABL, quebrando um tabu histórico.

Históricos também são todos os romances que Rachel de Queiroz escreve. O mais recente - "Memorial de Maria Moura" - conta a história de uma cangaceira legendária do século XIX. O romance, muito elogiado pelos intelectuais, foi elaborado com base na vivência da autora pelo interior do Brasil e numa grande pesquisa sobre o folclore e a linguagem coloquial da época. O final da história de "Maria Moura" está em aberto, fazendo os leitores suporem que virá uma continuação. Puro engano. Rachel diz que está muito velha para novos projetos na literatura. Declaração que contrasta com a sua lucidez e vitalidade.

Foi essa vitalidade que Rachel de Queiroz, 82 anos, demonstrou durante a entrevista de 1h30 minutos - a única não realizada nas dependências do Curso de Comunicação da UFC. Os alunos tiveram que entrevistá-la no seu apartamento na Praia do Futuro porque convalescia de uma cirurgia feita na véspera para extrair sinais no pescoço. Mesmo em estado de repouso, não se negou a dar a entrevista. Preocupada com a aparência, pediu que não fosse fotografada para que os curativos não aparecessem. A foto que abre a entrevista é de arquivo.

Entrevista com a escritora Rachel de Queiroz, dia 26/11/92.

Produção, edição e texto final: Júlio César Rocha, Demitri Túlio e Francisco Roberto.

Participação: Clariane Rebouças, Cláudio Ribeiro, Demitri Túlio, Júlio Cesar Rocha, Francisco Roberto, José Rocha, Márcio Régis, Lílina Couto, Oceli Lopes e Eduardo Freire.

Foto: arquivo jornal O Povo.



No começo da entrevista uma repreensão: "Ninguém me chame de 'Dona' nem de 'Senhora'. Assim vocês ficarão mais à vontade".

Rachel diz que não relê seus livros porque não tem coragem. Sente-se muito envergonhada pelo que escreve.

Quando o assunto era o livro "Memorial de Maria Moura", Rachel se entusiasmava e falava quase sem parar.

Laboratório de Jornalismo (LJ) - No seu último livro "Memorial de Maria Moura" encontra-se muito de Rachel de Queiroz, muito de Elizabeth I. Onde se pode encontrar a Rachel de Queiroz na "Maria Moura"?

Rachel de Queiroz (RQ) - Olha, tenho uma teoria que um escritor só atende a sua mágica e a ele próprio. Porque você só tem a sua experiência. Você não pode entrar no corpo dos outros. Então você se transporta para aquele personagem. Eu penso na Rainha Elizabeth, então é como se eu fosse ela, como eu andava, como eu falava, como eu me comportava, como eu pensava. A Maria Moura sou eu porque só tenho a experiência dela. Todo escritor transfere o personagem pra si. Se eu tô aqui e se aí entra um bispo, como ele faz, como ele fala, como ele senta, como ele se comporta? Então, nessa hora sou um bispo.

LJ - Esse é o seu processo de criação?

RQ - Eu acho que de todo autor porque ele só tem a sua experiência. Não tem outra. Só se ele repetir, copiar. Mas se ele cria, só tem a própria experiência como referencial.

LJ - A Maria Moura no "Memorial", a cada capítulo é um personagem. Então você põe cada personagem...

RQ - (Interrompendo) A cada personagem. Na hora eu era um padre, era Marialva, era Maria Moura. Quer dizer, eu me ponho no lugar deles e raciocino e me comporto como eu imagino que eles se comportariam e raciocinariam.

"O grande medo de todo criador, poeta, romancista, contista, é o plágio involuntário. Muitos autores me contam isso"

LJ - Quanto tempo você levou para criar o "Memorial de Maria Moura"

RQ - Eu tinha a idéia há muitos anos. Teve até um episódio curioso. Eu já disse isso em outras ocasiões. O grande medo de todo criador, romancista, poeta, contista, é o plágio involuntário. Com o compositor, então, é terrível. Fica com três compassos na cabeça e pensa que é dele, quando na verdade é uma coisa que ele ouviu de outro autor. Isso acontece muito. Já conversei com muitos que me contam isso. Então, aquela história da Maria

Moura, eu pensava ela todinha e dizia: "Mas eu já ouvi essa história. Isso é algum romance que li e estou pensando que tô contando".

LJ - O livro tem muitos detalhes, fala muitos termos da região (Nordeste). Deve ter havido uma pesquisa.

RQ - Houve pesquisa, mas houve principalmente a minha vivência no interior do Brasil, no interior do Ceará, do Nordeste. Eu viajo muito pelo Nordeste. Morei já em Alagoas (Rachel, quando falou em Alagoas, bateu três vezes na mesa provocando risos nos entrevistadores), morei em Pernambuco, morei não digo, mas tenho estadas grandes lá. Tenho uma vivência muito grande pelo interior do Brasil, Cariri e tudo mais. E isso me ajudou. Essa é a língua que eu falo. Agora eu tive um auxiliar muito importante para situar os personagens, a linguagem e os utensílios domésticos. Foi um estudioso do folclore nordestino a quem dedico o livro, Oswaldo Lamartine. O grande trabalho que o Houaiss (Antônio Houaiss, Ministro da Cultura) ressaltou, nos comentários que ele fez sobre o livro, foi a arqueologia literária.

LJ - Você se baseou em que nessa arqueologia?

RQ - Principalmente, botei um dicionário de Moraes ao meu lado. Lí com muita atenção, muito repetidamente o primeiro romance publicado do coloquial brasileiro ("Memórias de Um Sargento de Milícias") porque todos os outros romances não eram o coloquial brasileiro. Era de uso escrever linguagem de índio. Mas a arqueologia não era o coloquial. E não há documentação. Por exemplo, aquele livro da Ana Miranda que é tão bom, o "Boca do Inferno", não sei se ela conseguiu resolver o problema da linguagem. Me pareceu que não foi feliz. Por isso que não me atravessaria a um romance histórico. Hoje você tem gravação de tudo, tem gíria da África, tem gíria americana. Mas naquele tempo as fontes eram as correspondências que tinham um estilo todo especial. Você dizia: "Pego nesta pena para dar-te as notícias". Era uma linguagem inteiramente artificial. Tinham as documentações oficiais que eram então a linguagem mais importante, mais artificial. E tinha a literatura que também não copiava o cotidiano. Eu não estou fazendo restrições ao livro porque gostei demais, mas estou sentindo os problemas que ela (Ana Miranda) teve. Ela não tinha elemento de referência pra poder fazer a linguagem. Por isso que não gosto de fazer romance histórico, porque sinto a inaturalidade. Em 1940, já havia o "Memórias de Um Sargento de Milícias", mas era gíria carioca e tinha muita influência por-

tuguesa, de forma que me limitei muito. Mas adotei um sistema: o que não estava no dicionário de Moraes, que foi o primeiro dicionário brasileiro, em 1820, ficava sob suspeita. Me lembro que, quando apareceram os saltimbancos, eu queria botar saltimbanco. No "Moraes" não tinha saltimbanco. Encontrei Antônio Houaiss, na Academia: "Antônio, existia a palavra saltimbanco no interior do Brasil, em 1840?". Ele disse: "Não sei, vou procurar". Coisa que o Houaiss diz não saber é um espanto porque ele sabe tudo. Daí a uns dias me encontrei com ele na rua e de onde ele me viu veio gritando: "Saltimbanco pode! Saltimbanco pode!". Ele tinha encontrado uma referência. Houaiss chama isso de arqueologia literária. Foi uma das dificuldades. Terá erros,

"Quando acabo um texto, digo assim: 'Meu Deus, como é que eu disse esse horror de besteira? Que horror!'"

terá alguma coisa, mas espero que a média tenha sido razoável porque me deu muito trabalho.

LJ - Você persegue a inspiração ou é perseguida por ela?

RQ - Você é o seu maior crítico. Principalmente eu, que acho tudo muito ruim quando faço. Quando acabo um texto, em vez de olhar e dizer "ôba, bonitinho, tal", eu digo assim: "Meu Deus, como é que eu disse esse horror de besteira? Que horror!". Me dá uma impaciência horrível.

LJ - Já aconteceu isso depois de algum livro pronto? Você mexe?

RQ - Olha, porque eles não deixam mexer. Hoje o autor é apenas uma rota da grande máquina da indústria do livro. Você entrega o livro e eles não te deixam mais nem olhar. Só se você fizer solenemente uma declaração "que passe o livro prá cá", que você quer fazer uma segunda edição, diferente. Mas o livro não te pertence. Quando você faz o livro artesanalmente como eu fiz o meu primeiro, "O Quinze", eu que reví, eu que escolhi tipo, eu que escolhi capa. Enfim, o autor entra no trabalho artesanal. Mas o livro dessa grande indústria de livros que compra da gente... Pagam bem, mas eles pegam o livro, você entrega

o original e acabou. Você não escolhe nem a capa. Essa capa (do "Memorial de Maria Moura") é até bonitinha, mas ví depois do livro impresso.

LJ - Você ouviu falar que a Maria Moura é a versão feminina de Lampião?

RQ - Ouvi. O Lampião não sei, porque é tão diferente, né? Eu escrevi uma peça sobre Lampião. Não sei se vocês tiveram acesso. Se já tiverem tido, por favor façam uma comparação. O Lampião era realmente um criminoso, um homem mau, o perverso, o homem que passava por cima de tudo. A Moura não, ela até que tem muitos escrúpulos. Só mata quando é preciso, quando é necessário mesmo. Ela se revolta tanto, quando assassina aqueles dois sem precisão nenhuma. Ela tinha uma ética pessoal, não gostava de maltratar as pessoas. Acho que a psicologia dela era completamente diferente da do Lampião.

LJ - Como foi essa emoção de aos 19 anos fazer um livro ("O Quinze"), iniciar no jornalismo aos 16. Conte o seu comecinho.

"Nasci numa casa de intelectuais. Na fazenda, mamãe assinava revistas e livros franceses. Minha gente era antecipada"

RQ - Eu nasci numa casa de intelectuais - meu pai, minhas tias, minha mãe. Lá na fazenda, no sertão, ela assinava revistas e livros franceses. Em casa o ambiente era esse. O normal era escrever. O não normal era não gostar de escrever. Eu tive uma educação muito arbitrária porque até quase os 11 anos ninguém me ensinou, senão me mandavam ler. O pai me contava história de rei, de rainha. Eu gostava muito de história universal, de história brasileira. Eu lia muito Júlio Verne. Quando fui pro colégio, a irmã que me examinou em primeiro lugar ficou encantada com a minha sabedoria. Dei a volta ao mundo pelo estreito de Magalhães... Quando me mandaram fazer uma conta de diminuir, eu sabia. Não sabia era de dividir nem de multiplicar. Não sabia o que era análise lógica, nem análise gramatical, não sabia na-

da. Religião então... Lá em casa ninguém tinha religião. Minha avó ficou muito indignada. Tinha obrigado eu ir para o colégio justamente porque não tinham me ensinado religião. A sorte foi que caí nas mãos de uma freira muito inteligente que me explorou. Ela dizia: "Raquelzinha, você tá muito boa nessas matérias, mas é analfabeta nas outras. Se em seis meses eu te botar um professor particular...". Eu nunca tinha entrado num colégio e tinha loucura pra tá num. Mamãe achava uma tristeza, papai também. Minha gente era muito antecipada.

LJ - Mas isso por você ser mulher?

RQ - Não, não, não! Porque papai

"Quando todos iam dormir, pegava meu caderno, lápis e me deitava no chão junto ao farol. Foi assim escrito 'O Quinze'"

achava que o estudo formal era muito limitado. Ele achava que o estudo que você escolheu para estudar, que você gosta, é o que forma a sua cultura. E o que é verdade.

LJ - Quando você escreveu "O Quinze", estava doente, não é isso?

RQ - Magnificaram um pouco essa doença. Não foi propriamente isso. Eu tive uma congestão pulmonar e andei cuspinhando sangue. Nesse tempo tuberculose era o terror, era a peste branca. Não havia ainda os antibióticos de hoje. E mamãe ficou com medo porque eu ia ficar tísica: "Essa menina com mania de ficar lendo até de madrugada". Ela me pôs um regime alimentar muito sério e eu tinha que dormir às nove da noite e acordar às sete da manhã. Quando todo mundo ia dormir eu pegava meu caderno, um lápis e me deitava de bruços no chão junto do farol pra ter luz. E foi assim escrito "O Quinze". Quando mostrei o livro, mamãe ficou na maior preocupação.

LJ - Você é parente do Jáder de Carvalho (famoso jornalista e escritor cearense, já falecido). O escritor Moreira Campos é primo dele. Há algum parentesco entre vocês?

RQ - Não. Bem que eu queria ser parente do Moreira Campos, que eu considero um sujeito, dos vivos, um

dos que melhores escrevem ainda neste país. Um dos maiores escritores brasileiros. Mas ele é muito preguiçoso, escreve muito pouco, é muito desambicioso... (risos dos entrevistadores).

LJ - Ele diz que o futuro da literatura é escrever coisas pequenas como a poesia e o conto porque o homem vai ler menos. O que você acha? Qual o futuro do romance?

RQ - Olha, eu não sei. Mas você sabe que livro que se vende é livro grosso. Todos os best-sellers, esses "Sidney Sheldon", tudo isso é livro grosso. Parece que o leitor médio compra um livro e fica frustrado se são pequenas histórias, se é um livrinho pequeno. Ele quer encontrar material pra levar um mês lendo. Eu tenho essa impressão porque você vê o Rubem Fonseca naquele livro dele que é excelente, "Grandes Emoções e Pensamentos Imperfeitos". Aquele livro é grosso e é um best-seller real dele. É o livro que mais se vendeu dele. Na minha opinião ele descobriu a fórmula do bom best-seller, quer dizer, um livro que tem substância literária, que é bem escrito, que é bem bolado. Pra mim o Rubem resolveu esse problema. A gente fica fazendo nossos livrinhos, vende mil exemplares, enquanto os "Sidney Sheldon" da vida vendem 1 milhão.

LJ - Você não defende esse tipo de literatura?

"Os 'Sidney Sheldon' da vida escrevem livros mais ou menos lineares, a história é previsível, apelam muito pra sexo"

RQ - Não, acho que não. São livros mais ou menos lineares, a história é previsível, apelam muito pra sexo. É julgado internacionalmente, não sou eu.

LJ - Você iniciou precocemente no jornalismo aos 16 anos, não é?

RQ - É. Eu tinha me diplomado, estava morando na fazenda, no Ceará. Era isso começo de 1927. Eu ia fazer 17 no final do ano. Foi eleita Rainha dos Estudantes a Susana de Alencar Guimarães. Ela trabalhava no jornal "O Ceará", de Júlio Ibiapina. E eu escrevi uma carta pro redator gozan-



Os livros de literatura infantil - "O Menino Mágico" e "Cafuti" - foram feitos para os sobrinhos tidos como netos.

Ao falar da ABL, Rachel convidou os alunos para tomarem com ela o tradicional "Chá das Cinco" da Academia.

No meio da entrevista, Rachel pediu que fosse servido café aos entrevistadores. Mas avisou que só tinha quatro xícaras.



Durante a sua participação na 21ª Assembleia Nacional da ONU, Rachel constatou "como os soviéticos eram chatos e burros".

Quatro telefonemas interromperam a entrevista. Rachel sempre atendia brincando: "Ligue outra hora, estou dando uma aula".

Apesar de morar no Rio de Janeiro, há mais de cinquenta anos, Rachel diz que, "graças a Deus", não adquiriu sotaque carioca.

do esse negócio de Rainha de Estudante, dizendo umas brincadeiras e tal. Uma carta amistosa, mas gozando. E assinei Rita de Queluz. Publicaram a carta e foi uma curiosidade, "quem era?", "quem não era?". Fortaleza nesse tempo era desse tamanho. Viram o carimbo da estação de Junco, lá onde eu morava. Aí todo mundo dizia: "Então é o Daniel (pai da Rachel de Queiroz). Quem escreveu foi o Daniel e assinou com o nome de mulher". O Jáder de Carvalho, que me conhecia, era meu parente, disse: "Não, isso é coisa da Rachelzinha. Eu aposto. Olha o RQ, é da Raquelzinha". Foram lá, me identificaram e o Júlio Ibiapina me ofereceu um lugar no jornal. Ele me pegou pra selecionar a página literária e fazer uma crônica uma vez por semana. De lá pra cá, nunca mais me livre de jornal.

LJ - Como foi essa passagem pelo jornal já que você estava virando comunista?

RQ - Ah, isso lá no jornal sempre dizia a eles: "Vocês que me desviaram, vocês que me transviaram". O Djacy Menezes era um dos meus grandes queridos amigos, o Laudomiro Ferreira, tudo era comunista. Quando fui receber o prêmio Graça Aranha do "O Quinze", em janeiro de 31, fui pro Rio e levei carta dos amigos daqui pros comunistas de lá. O prêmio era da granfinada, dos Prado, aquelas coisas. Eu, então, tinha uma

"Nunca vi uma coisa tão parecida com os stalinistas do meu tempo do que o PT. Aquela intolerância, aquela radicalização"

vida dúplice. Levei as cartas, entrei em contato, recebi todo o material pra se fundar a região aqui no Ceará. Agora, não pensem que eu era tratada com consideração. Eu digo sempre que nunca vi coisa tão parecida com os stalinistas do meu tempo do que o PT. Aquela intolerância, aquela radicalização, aquela coisa que só o operário que é criado por Deus e pode tá acima de todos os mundos, endeusamento da União Soviética, que era a pátria do proletariado. Nós, os intelectuais no meio dos partidos comunistas, éramos os escribas porque sabíamos escrever. Uma vez tive uma briga com eles. Eu dizia: "Nós somos

como aqueles escravos gregos que os grandes romanos, riquíssimos, mandavam importar da Grécia para escrever e ler para eles, ensinar os filhos. Pra vocês nós somos os escribas, só isso". Quem não nascia operário não merecia a confiança do proletariado. Eu tava noiva de outro comunista que era um poeta pernambucano (José Auto). O sonho da gente era fazer um estágio na União Soviética. Juntamos o nosso dinheirinho, nos privando de muita coisa, pra dar a passagem até Hamburgo, que segundo nos tinham informado a gente chegava lá e contactava com o partido comunista. De Hamburgo nos levariam de trem à União Soviética. Aí, inocentemente, fomos à direção do partido e dissemos: "Nós juntamos esse dinheiro, nós queríamos agora que os companheiros nos facilitassem porque vamos por nossa conta". Eles descobriram nosso dinheiro e disseram: "Esse dinheiro vai ser confiscado pelo partido porque vocês são intelectuais e não precisam ir à União Soviética para conhecer o socialismo. Os operários que aqui não têm dinheiro é que vão. Suas passagens vão servir para dois operários". Vocês imaginem o ódio com que a gente não ficou.

LJ - A senhora chegou a ir na União Soviética?

RQ - Não, eu não era louca. Depois eu fiquei trotskista. A gente não ia com medo. Porque a gente trotskista era canalha trotskista. O Stálin mandou assassinar Trótski no México. Até aconteceu um episódio muito engraçado. Depois rompi com o partido. Eles queriam que eu transformasse todo o "João Miguel", que é um romance da história de um caboclo que mata outro. Eu já contei essa história até no programa do "Jô". O "Jô" arranca tudo da gente, né? Eles marcaram uma reunião num galpão vazio lá no Rio, na zona portuária, pertinho de onde passava a linha do bonde. Tudo era misteriosamente. Um sujeito fingia que era teu namorado, te dava um beijinho e dizia no ouvido: "Compareça nesse lugar às tantas horas". Nunca o tinha visto (risos dos entrevistadores). Tudo era assim, muito romântico, até esse lado do mistério. Quando recebi a convocação, eles me pediram pra ler o livro e eu, burra, só tinha o original. Era o segundo livro que eu escrevia. Eu entrei no galpão vazio, tinha uma mesa tosca e três bancos. Atrás um banco sozinho como um banco de réu. O partido estava na grande ilegalidade, todo mundo na clandestinidade. Então eles me sentaram no banquinho do réu. Os três julgadores, um era negão, um desses crioules cariocas. Ele tinha chegado da União Soviética. Quem sabe não foi com meu dinheiro, hein? (risos gerais). Ele, de

camiseta de estivador para mostrar que era operaríssimo. O outro cara que identifiquei depois era o marido da Elsa Fernandes, uma moça que traiu o partido e foi executada. Ele foi um dos que votaram pela morte dela. O terceiro nunca identifiquei. Então o negão que era quem presidia o negócio dizia assim: (Raquel imita a voz do interlocutor falando em tom autoritário) "Companheira, nós lemos o seu livro e desaprovamos inteiramente porque tem um campesino

"Então eles me sentaram no banquinho do réu. Os três julgadores, um era negão, um desses crioules cariocas"

que mata outro, tem um coronel que tem privilégio na cadeia e tem uma filha loura com quem o nosso campesino tem um ligeiro romance. E a mulher dele se prostitui. Nós exigimos de você que faça o coronel matar o campesino e faça a filha dele se prostituir e não a do campesino". Eu fiquei danada da vida. E disse: "Vocês querem me dar que só tenho esse original. Vou verificar, ver onde posso fazer as correções". Eu me levantei, fui até a mesa deles, recebi os originais. Era um pacote assim... Papel fino. Fiquei em pé enrolando e eles falando como eu devia proletarizar o livro. Só diziam cada burrice, vocês imaginam. Era o realismo socialista. Quando acabei de enrolar, dei uns passos atrás. A porta estava entreaberta. Eu tava com medo horrível, sozinha ali no meio daqueles homens que nunca tinha visto, hostis. Eu disse: "Não reconheço em vocês autoridade literária para criticar o meu livro. Passar bem". Meti o pé na carreira e saí. Com sorte - foi meu anjo da guarda - ia passando o bonde e entrei, vupt! Quando eles saíram espantados eu já tava longe e até o dia de hoje não soube como acabou (risos). Foi o meu último contato com o partido.

LJ - Por ser comunista você foi perseguida pelo governo militar de 64?

RQ - Não, no governo militar eu já não era mais. Eu apoiei, isso é um ponto que faço muita questão que se tome nota: fui, sou e serei contra Brizola, Jango, toda essa gente que usa os movimentos operários, os movimentos populares pro seu caudilhismo.

mo. O primeiro chefe deles foi o Getúlio. Os outros são descendentes. O Jango como o Brizola são filhotes do Getúlio. Na minha geração de comunistas sempre tivemos horror ao Getúlio. A repressão do tempo militar foi ruim, mas a do Getúlio foi pior. Pelo menos ninguém mandou entregar Olga Benário aos carrascos nazistas. Isso eles não fizeram. Quando o Jango assumiu o poder, eu já não era trotskista. Quando mataram o camarada Trotski, eu me desinteressei de comunismo. Já vinha me decepcionando e fiquei numa posição que digo sempre que sou uma doce anarquista. Não respeito governo. Não dou valor a fórmulas de governo. Acho que toda autoridade é repressora. Isso é a minha crença pessoal. Mas o corporativismo do Jango me horrorizava e ainda hoje me horroriza. Eu ajudei a conspirar com os militares para derrubar o Jango, sim senhor. Conspirei com muitos militares. Eu, Adonias Filho, que éramos liberais, democratas. Quando Castello (Branco) assumiu o poder, nós demos toda a força a ele. Acharmos que as primeiras cassações, que eram de Janguistas, aquele grupo, foi merecida. Agora, não sei se vocês sabem, o Castello foi praticamente deposto pela área reacionária do Exército chefiada pelo Costa e Silva, que era um sargento de poucas letras. Era um trupiê. O grupo do Castello, dos intelectuais, foi praticamente deposto. Chegou um tempo o Castello queria a restituição civil. Tinha mandado preparar a Constituição e entregaria o país aos civis. Era o programa do Castello. Mas foi frustrado nisso, porque o grupo do Costa

"Eu ajudei a conspirar com os militares para derrubar o Jango, sim senhor. Conspirei com muitos militares"

e Silva já tinha toda a força dentro do Exército. O Castello deixou o governo e eles assumiram. Desde então, não tive a menor ligação com eles.

LJ - Como foi que a senhora viu a queda do comunismo no Leste Europeu?

RQ - Pois é, a gente já previa. Você esquece que tenho uma longa formação trotskista? Quando briguei com o partido nessa ocasião me aproximei dos trotskistas que eram realmente os

intelectuais do partido. Tinha aquele cearense, o Domingo Xavier, o Mário Pedrosa. Era a elite do marxismo que tinha ficado toda trotskista. A gente já denunciava as coisas do Stálin. Tem uma anedota que o Lênin contou que agora tenho vontade de contar pro Lula. O Lênin disse que foi procurado por uma comissão de camponeses lá da Sibéria. Quando eles chegaram, se ajoelharam junto dele e disseram: "Paizinho, a ti nós queremos, mas livra-nos dos comunistas. Eu diria: "Lula, a ti nós queremos, mas livra-nos dos petistas (risos gerais). Nunca ví uma coisa tão parecida. Eu digo esses barbudinhos que

"Eu diria: Lula, a ti nós queremos, mas livra-nos dos petistas. Nunca vi uma coisa tão parecida com os stalinistas"

chegaram aqui para assessorar a Maria Luíza (Ex-Prefeita de Fortaleza). Coitada dela.

LJ - Em 1961, você foi convidada para ser ministra da educação pelo Jânio Quadros. Não aceitou por quê?

RQ - Ele insistiu umas duas horas comigo trancado numa sala querendo que eu concordasse. Eu dizia: "Presidente, não nasci pra mulher pública". Vocês sabem que mulher pública tem duas conotações (risos). Quando recusei, os jornais todos deram. O Paulo Sarasate, que era meu amigo íntimo - nesse tempo era deputado -, dizia: "Você perdeu essa oportunidade pro Ceará, você devia ser fuzilada em praça pública". E eu: "Paulo, não sei ser ministra". Ele: "A gente fazia tudo pra você". E eu: "É isso que vocês queriam".

LJ - A senhora teve convites para ser ministra em outros governos?

RQ - Tive do governo Castello, do governo Geisel, do Figueiredo e do Sarney.

LJ - E hoje, se fosse convidada aceitaria?

RQ - Não. Imagina, hoje que estou com 82 anos, ia me meter numa enrascada dessa... Quando tinha quarenta não aceitei...

LJ - Você acha que a cultura está

sendo bem tratada pelos governos, hoje em dia, no Brasil?

RQ - Eu tenho uma opinião muito pessoal sobre cultura. Eu não gosto que o governo se meta com cultura. Toda vez que o governo se mete com cultura tem que cuidar dos teatros, das bibliotecas, ajudar as editoras, pagar os colégios, pagar bem os professores. É esse o papel do governo. Mas criar política cultural, detesto, não obedeco e sou contra. Acho que o governo não tem que meter o nariz na cultura. Cultura é uma coisa espontânea que tem que vir do povo. Eles têm que dar elementos pra gente crescer culturalmente, mas não se envolver.

LJ - Como foram feitas as traduções de Dostoiévski, já que você não fala russo?

RQ - Ah, as traduções de Dostoiévski é uma das coisas de que mais me orgulho. Eu sou uma Dostoiévskiana fanática. É o meu Deus, o meu ídolo. Se há uma coisa no mundo que eu queria ser é Dostoiévski. As traduções portuguesas que haviam de Dostoiévski eram muito ruins. Então eu e o José Neves, que é outro Dostoiévskiano, nos propusemos fazer uma tradução. Perguntaram: "Como é que vocês vão traduzir se não sabem russo?". Nós arranjamos cinco traduções, as melhores do mundo: a francesa, a espanhola, a inglesa, a italiana e a alemã. Eram traduções consideradas exemplares. A gente lia cada período nas cinco versões. Eu lia em quatro. Não sabia alemão, mas as outras sabia. Quando eu tinha qualquer dúvida telefonava pra ele: "Vê aí na

"Sou uma Dostoiévskiana fanática. É o meu Deus, o meu ídolo. Se há uma coisa no mundo que eu queria ser é Dostoiévski"

alemã se é assim..." Você não imagina o tempo que levou.

LJ - Rachel, sabe-se que para entrar na Academia Brasileira de Letras tem muita política. Como foi a sua entrada na ABL?

RQ - Bem, o ritual da Academia realmente é muito chato. Para se entrar na ABL precisa ser brasileiro nato e



Em três momentos, Rachel de Queiroz, sentindo o peso dos seus comentários, pediu que os gravadores fossem desligados.

No Rio de Janeiro, assim como em Fortaleza, Rachel mora pertinho do mar. Mas há muitos anos não vai à praia.

A escritora afirma que não tem fé nem religião. Ao mesmo tempo revela que acha isso uma pobreza muito grande.



Dias após a entrevista, Rachel denunciou que dois caboclos da sua fazenda foram maltratados por sindicalistas ligados ao PT.

Durante toda a conversa, Rachel mostrou uma disposição e um bom-humor surpreendentes numa pessoa recém-operada.

No final da entrevista, vários alunos fizeram fila para pedir a Rachel de Queiroz que autografasse alguns livros.

ter um livro publicado. Você tem que escrever uma carta a cada um dos Acadêmicos e fazer uma visita a cada um deles. Alguns mandam presente,

"Entra-se na Academia Brasileira de Letras pela sua obra... Os que mais cortejam nunca são bem sucedidos"

cortejam. No geral, não dá bom resultado. Os que mais se empenham em solicitar nunca são bem sucedidos. Entra-se ali, na realidade, pela sua obra. A verdade é essa. Agora, o meu caso foi diferente porque nunca tinha tido mulher na Academia. Era um velho preconceito provocado pela mulher do Clóvis Bevilácqua que era uma subliterata terrível e ele queria meter na Academia. Então os Acadêmicos para poder refugar a dona Amélia inventaram essa cláusula: a Academia se destina a brasileiros. Então disseram: "Não são brasileiras, são só brasileiros". Durante setenta anos isso durou. Mas quando tinha 21 Acadêmicos, a maioria quis que entrasse mulheres. Eu era a única que nunca tinha querido entrar na Academia. A Dinah chegou até a pedir um mandado de segurança. O que foi uma besteira porque a Academia é uma instituição particular. Havia aquela guerra. A Academia já tava cheia dos meus amigos: Adonias, Costa Filho, Austregésilo de Athayde, Menotti, Cassiano Ricardo. Esses todos gostavam muito de mim. Eram meus velhos amigos, companheiros de quarenta, cinquenta anos de jornal e vida literária. Eu já tava com sessenta e poucos anos. Então o Adonias inventou. Eu disse: "Eu não vou pedir voto, não vou fazer nada, não quero entrar pra Academia". "Mas você não pode fazer isso com a gente. Só falta você lá do nosso time todo". E eu: "Pois é, mas não vou". Então eles convenceram o Oyama (Oyama Macedo, marido da Rachel de Queiroz, na época) a me obrigar a assinar a carta. Assinei.

LJ - Como está a questão do texto literário dentro do texto jornalístico?

Há diferença?

RQ - O cronista tem uma situação especial porque ele pode fazer esse tipo de literatura no seu texto literário. O cronista, se quiser, faz uma reportagem na sua crônica. Ele tem toda essa gama de opções. Como cronista não sinto essa limitação. Agora eu sinto que as escolas de jornalismo não criam o talento jornalístico. Escrever é uma vocação como ter voz pra cantar, como ter dedo pra bordar, tocar piano. É uma vocação como outra qualquer. Então, quem não nasceu escrevendo fica com esses textinhos capengas, com aquele fraseado todo feito. Mas todas as profissões são assim: tem os bons, os médios e os medíocres.

LJ - Você é contra a obrigatoriedade do diploma de jornalismo para o exercício da profissão de jornalista?

RQ - Sou. Pro jornalismo sou. Os grandes jornalistas do mundo não fre-

"As escolas de jornalismo não criam o talento jornalístico... Os grandes jornalistas do mundo não freqüentaram escola"

qüentaram escola. Depois das escolas de jornalismo quais foram os grandes jornalistas que apareceram? Tem relativamente pouco tempo, mas já dava. E cadê? Eu não digo a mim que não sou jornalista nesse sentido, sou uma cronista. Mas os grandes, Carlos Castelo Branco, aquele tão bom, o Villas-Boas Correa, não fizeram curso de jornalismo.

LJ - O que você está achando do jornalismo no Brasil?

RQ - Acho o jornalismo brasileiro excelente. Eu viajo muito, acompanho o jornalismo em todas as línguas que posso ler. Por exemplo, o famosíssimo "Le Monde" é um jornal que no Rio tem melhores. O nosso "O Povo" é um grande jornal, o "Diário do Nordeste" também. O "Diário de Pernambuco" é um jornal excelente, "A Tarde", "O Estadão" ("Estado de

São Paulo"). A "Folha" (de São Paulo) é um pouco facciosa demais, ela ataca. Acho a "Folha" muito chatinha.

LJ - Recentemente o jornalista Paulo Francis expressou na sua coluna todo o seu preconceito contra os nordestinos. Você acha que o "O Povo" deve-

"Sou contra a censura. Se o Paulo Francis calunia, você o bota na cadeia. Mas deixe-o escrever, deixe-o se manifestar"

ria deixar de publicar a coluna dele?

RQ - Não, porque sou contra a censura. Ele pública e você contesta. Se ele calunia, você o bota na cadeia. Mas deixe-o escrever, deixe-o se manifestar. E depois não há nada pra gente ficar detestando o Paulo Francis como lê o Paulo Francis, não é? Porque ele é um chato. Eu tô dizendo isso à toa porque até que ele me trata muito bem. Nunca tivemos conflito nenhum.

LJ - O final de "Memorial de Maria Moura" está em aberto como se viesse mais alguma coisa. Vem?

RQ - Não, não vem. Vocês todos têm que imaginar um final. Eu tinha acabado "Maria Moura" quando ela mata o Cirino. Mas minha irmã Maria Luíza, que é minha maior crítica, disse: "Não admito que ela acabe assim, você tem que dar outro fim pra Maria Moura. Eu não quero que acabe assim nessa depressão". E deu a maior esculhambação. Sentei na máquina e fiz outro final. Aí deixei em aberto. Realmente é mais condizente com o temperamento dela continuar lutando do que se entregar à depressão.

LJ - Quais são seus projetos na literatura?

RQ - Deus me livre! Detesto escrever. Trabalharei o menos que puder. Só o bastante pra ganhar o pão de cada dia porque minha aposentadoria é um porcaria. Pretendo curtir, ler os livros que vocês vão escrever. Estou esperando, gosto muito de aplaudir e admirar. Chegou a vez de eu ser a espectadora.